

60 ANOS DA RÁDIO SOCIEDADE CATARINENSE

Mas nem tudo era tristeza. Eu estava sempre por lá, especialmente nos programas de auditório. Através do microfone mandávamos recados para as amigas e elogiávamos a programação da Catarinense. Lá pelos meus 15/16 anos, íamos ao auditório e escutávamos as apresentações de Nardinho e Pereirinha, com gaita e violão.”

Maria Edite da Rocha

“Um dos programas que mais me marcou foi A NOITE É NOSSA. Os ouvintes tinham a oportunidade de oferecer músicas para seus amigos ou até mesmo para seus desafetos. Dependendo da música solicitada, as pessoas já compreendiam a intenção de quem oferecia. Na maioria das vezes não passava de brincadeira de um para o outro.

Nas datas comemorativas, como o dia da Independência, as professoras preparavam crianças para recitar poemas retransmitidos pela Catarinense. Fico feliz em saber que isso acontece até hoje.

A Catarinense sempre esteve envolvida com a transmissão dos eventos esportivos. Lembro do primeiro jogo de futebol feminino que aconteceu em Joaçaba, do qual participei. Os times vestiam as camisas do Atlético e do Comercial. A região toda ficou sabendo porque a Rádio transmitiu ao vivo.

Lembro que um dos grandes locutores da Catarinense nos anos 80 era o Marco Antônio, que apresentava o Programa da Alegria, hoje apresentado pelo Amarildo Monteiro. Esse sim é um bom programa, pois nós podemos nos comunicar com os locutores através do telefone. O Amarildo sempre brinca com a gente. E o sucesso continua.”

João de Deus

“Aí pelos anos 50 e 60 as únicas atrações que Joaçaba tinha nos finais de semana à noite eram os cinemas ou os programas de auditório da Catarinense. Dois nomes se destacaram neste período: Parafuso e Raul Tomazoni.

Lembro que a Catarinense tinha no horário do meio-dia o quadro policial Ronda da Cidade, inserido na programação jornalística. Hoje nós escutamos no Grande Jornal a Ronda Policial. A Catarinense sempre encontrou um jeito de renovar sem se distanciar de suas raízes. Isso a mantém firme.”